

Embrapa atualiza régua de manejo

Alturas de entrada e saída do gado no pasto foram alteradas.

ARIOSTO MESQUITA

Lançada pela Embrapa em 2012 para utilização em oito espécies de forrageiras cultivadas no Brasil, a régua de manejo de pastagens ganha sua segunda versão com algumas modificações. A principal mudança é sua expansão para 13 tipos de capins. O novo modelo foi apresentado no roteiro de Manejo de Pastagens, durante a Dinapec 2017, realizada em março em Campo Grande, MS. Na ocasião, a Embrapa lançou também o panicum Quênia e a braquiária Ipyporã, ambos já incluídos na nova régua. De acordo com o pesquisador da Embrapa Gado de Corte, José Alexandre Agiova, um dos responsáveis pelo desenvolvimento do instrumento, aos três panicuns do modelo anterior (massai, tanzânia e mombaça), foram incorporados outros três: zuri, tamani e quênia. As braquiárias decumbens, marandú, xaraés e piatã ganharam a companhia do paiaguás, ipyporã e tupi, esta última ocupando o lugar da humidicola. “Apesar das características semelhantes, optamos por substituir a humidicola pelo fato de a variedade tupi apresentar maior produtividade e melhorar valor nutricional”, justifica Agiova.

O desenvolvimento do novo modelo ocorreu, segundo ele, por dois motivos: para abrigar na régua os mais recentes capins da Embrapa e diminuir o distanciamento que havia entre lançamentos e indicações de uso. “A forrageira se apresenta com todo o seu pacote de características, mas as orientações sobre o manejo chegavam um pouco mais tarde. Desta vez, fizemos um esforço para que a segunda versão fosse apresentada no momento do lançamento das mais recentes cultivares. A régua atua como um pequeno manual de instruções para a utilização de cada capim.” O pesquisador ressalta, porém, que as braquiárias podem ser manejadas sob pastejo rotacionado com entrada nas alturas máximas e saída nas alturas mínimas. Entretanto, o manejo mais recomendado para esses capins de crescimento mais lento é mesmo o pastejo contínuo (*tabela 1*), com taxa de lotação variável. As espécies constantes na régua da Embrapa aceitam bem o pastejo alternado e o diferido. “Os gastos com subdivisão da pastagem e mão de obra são muito altos para as taxas de lotação usuais



Instrumento contempla 13 forrageiras

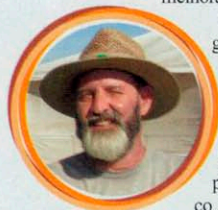
(1 a 2,5 UAs/ha) nessas forrageiras, por isso o rotacionado não é preferencial para elas”, comenta o pesquisador. “Já os colônios (*tabela 2*) têm crescimento muito rápido e muito variável (adubação, temperatura, chuvas, insolação) e seria muito difícil ajustar sua taxa de lotação para um pastejo contínuo. Portanto, o manejo recomendado para esses capins é o rotacionado.”

A funcionalidade da nova régua é a mesma. Nas áreas sob pastejo contínuo, ela indica o momento de aumentar ou reduzir a lotação. Quando a altura da gramínea atinge o nível máximo indicado na régua, o pecuarista ou seu funcionário devem elevar o número de animais na área. Quando o pasto chegar à altura mínima, a orientação é reduzir a quantidade de animais ou mesmo deslocar o gado para outra área, até que a forrageira se recomponha. No pastejo rotacionado, a régua atua de forma semelhante, mais focada, no entanto, no giro dos animais dentro do sistema. Ela indica o momento de entrada e de saída dos animais do piquete. A taxa de lotação considerada mais adequada pela Embrapa é aquela que vier a permitir o consumo de toda a forragem, entre as alturas de entrada e de saída, em até sete dias.

Ajustes nas alturas

Neste novo modelo, pequenos ajustes foram feitos nas alturas ideais dos capins, promovidos, segundo Agiova, pelo “manejo mais afinado” desenvolvido com as forrageiras. “Reduzimos, por exemplo, em 5 centímetros a altura de entrada para o mombaça. De 90 passou para 85 centímetros. A saída permaneceu a mesma: 45 centímetros. Este novo arranjo manteve a nossa preocupação em dar condições para que a planta persista e dê mais folhas com bom valor nutricional”, explicou.

Nesta sua segunda versão, a régua se apresenta com pouco mais de 1 metro de altura, indicações em



José Alexandre Agiova, da Embrapa: ajustes para atender a um manejo “mais afinado”

vermelho e verde (pintadas e envernizadas) e em modelo articulado (dobrável), permitindo a acomodação em uma pequena bainha (que acompanha o produto) e seu transporte em bolsas e mochilas.

O pesquisador avisa que as duas empresas habilitadas para a fabricação e comercialização da régua (Prático de Garça, da cidade de Garça, SP, e Polite – Polímeros e Tecnologia Ltda., de Marília, SP) já estão prontas para atender os pedidos do novo modelo. “O pecuarista ou grupo de pecuaristas que tiverem interesse devem apenas entrar em contato com essas empresas”, orienta Agiova, que estima o preço de cada unidade em cerca de R\$ 50. Assim como no primeiro modelo, Agiova trabalhou no desenvolvimento do novo padrão em conjunto com o colega Haroldo Pires de Queiroz, também da Embrapa Gado de Corte. Para quem já usa a primeira versão do instrumento, o pesquisador avisa: “Não justifica trocar o modelo antigo pelo novo apenas pela revisão das entradas de altura e saída. O pecuarista deve levar em conta sua necessidade em função da inclusão de novas forrageiras no instrumento”, afirma. ■

**Tabela 1 – Altura ideal para as braquiárias
(pastejo contínuo)**

PASTAGEM	ALTURA (CM)	
	MÁXIMA	MÍNIMA
XARAÉS	40	20
PIATÁ	40	20
MARANDU	35	20
PAIAGUÁS	35	20
IPYPORÁ	35	20
BRAQUIÁRIA DECUMBENS	30	15
TUPI	20	10

**Tabela 2 – Altura ideal para panicuns
(pastejo rotacionado)**

PASTAGEM	ALTURA (CM)	
	ENTRADA	SAÍDA
MOMBAÇA	85	45
ZURI	80	40
TANZÂNIA	70	35
QUÊNIA	65	35
MASSAI	55	30
TAMANI	50	25

FONTE: Difusor de tecnologia da Embrapa Gado de Corte Haroldo Pires de Queiroz